

---

## Mídias Digitais e Saberes Amazônicos: a Organização Sociocultural da Comunidade Ribeirinha de Santa Maria do Boiaçu em Roraima<sup>1</sup>

Iara Regina BEDNARCZUK<sup>2</sup>

Vângela Maria Isidoro de MORAIS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima

### RESUMO

Esse artigo é parte de uma pesquisa em andamento sobre comunicação em uma comunidade ribeirinha da Amazônia. O estudo analisa a relação dos moradores de Santa Maria do Boiaçu, em Roraima, com a internet e dimensiona o envolvimento sociocultural da comunidade com as mídias digitais. Busca-se compreender como ocorrem os processos e as relações dos sujeitos com a tecnologia digital no cotidiano da comunidade. Para acessar esse grupo social e seus saberes tradicionais realizamos uma pesquisa etnográfica e uma abordagem qualitativa, baseada sobretudo na observação participante e na escuta atenta dos ribeirinhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidade ribeirinha; Mídia digital; Comunicação e Cidadania; Amazônia.

### Introdução

A primeira vez em que visitei a comunidade Santa Maria do Boiaçu, na região do Baixo rio Branco, principal rio de Roraima, foi em 1996, na condição de repórter de uma emissora local de televisão. Passados 27 anos, aquela experiência foi revisitada, dessa vez pelo interesse científico, e com o objetivo principal de analisar a relação dos moradores com as mídias digitais e seu potencial de informação no contexto de uma comunidade tradicional da Amazônia brasileira.

A primeira forma de oferecer uma noção da comunidade pesquisada pode ser pelo senso de distância; quem mora na capital, Boa Vista, ou quem mora em Santa Maria do Boiaçu se reporta ao outro como situado geograficamente distante. Na minha perspectiva de trajeto, percorri 135 km de estrada entre a capital e a cidade porto de Caracará. Depois, o percurso que corresponde a uma distância de 270 km rio abaixo até a comunidade de Santa Maria do Boiaçu é feito por barco e a viagem dura cerca de 22 horas. Esse é o tempo de navegação na ida, com correnteza a favor, incluindo cinco horas de ancoragem do barco em barrancos para descanso noturno.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFRR, e-mail: iarabed@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFRR, e-mail: vangela.morais7@gmail.com

---

Por essa descrição inicial, não só a distância, mas o modo de vencê-la nos conecta com relatos históricos sobre o longo processo de ocupação da Amazônia, desde os europeus no século XVI, onde os rios seguem canalizando os acessos para diferentes fins, não podendo ser desconsideradas nessa relação as investidas exploratórias também contemporâneas em busca de minérios e outras riquezas da região, afetando o ambiente e os povos.

No meu retorno à Santa Maria do Boiaçu, pequeno povoado pertencente ao município de Rorainópolis, a questão central que mobiliza é a comunicação midiática praticada além do circuito urbano. Buscamos compreender como ocorrem as relações dos sujeitos com a tecnologia digital no cotidiano dessa comunidade ribeirinha, especialmente visando verificar os sentidos atribuídos pelos moradores às práticas culturais informativas, a partir da presença da internet e as potenciais interações com os saberes tradicionais amazônicos.

As razões para a escolha dessa localidade como campo de pesquisa comunicativa se voltam para o conjunto de fatores característicos dos lugares recônditos da região (distância, dificuldade de acesso, percurso fluvial, a floresta e sua gente). É importante que as discussões científicas busquem alcançar as expressões e os modos de fazer cotidianos de múltiplos povos que constituem nossa sociedade pluriétnica. E o viés de análise pela perspectiva da comunicação e mídias digitais é necessário para compreender as diferentes realidades e formas de apropriação dessas tecnologias, de modo a fortalecer os diálogos sobre cidadania comunicativa e interculturalidades.

Chamamos de comunidade ribeirinha os povoados que se estabelecem próximos aos rios e, por conta dessa localização, seus moradores passam a viver da pesca, da caça, do roçado, do artesanato. Algumas comunidades também podem desenvolver iniciativas turísticas e a região amazônica, por ser a mais abundantemente banhada por rios, concentra uma grande diversidade dessas populações tradicionais.

Norteiam o presente estudo algumas ideias provenientes do encontro entre a comunicação e seus vínculos com outras áreas do saber, a exemplo especialmente das ciências sociais. Assim, as categorias de comunidade e comunicação e suas delimitações em torno das comunidades ribeirinhas e das mídias digitais mobilizam uma interpretação crítica do tema.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa faz um estudo bibliográfico das categorias de apoio e aplica conhecimentos etnográficos, por meio do trabalho de campo e da observação participante em atividades realizadas em janeiro de 2023.

Para isso, estruturamos a elaboração deste artigo em quatro momentos: uma breve apresentação sobre o ambiente físico e simbólico em que se situa a pesquisa; a identificação de conceitos e categorias centrais que auxiliam nesse processo de investigação; notas metodológicas e a versão inicial do trabalho de campo; e a análise dessa experiência em que se articula os conteúdos sobre a comunidade ribeirinha, as mídias digitais e os saberes locais.

### **1. A comunidade Santa Maria do Boiaçu: alguns aspectos socioculturais**

Santa Maria do Boiaçu é a maior comunidade ribeirinha do estado de Roraima. O pequeno povoado, na floresta amazônica, é uma das áreas não-indígenas que constitui o município de Rorainópolis e é considerada a referência do Baixo rio Branco, por concentrar os serviços básicos de saúde e segurança em relação as comunidades mais próximas (SEABRA, 2019). A comunidade fica na margem esquerda do rio Branco, o principal rio de Roraima que é afluente do rio Negro, fazendo divisa com o estado do Amazonas.

Figura 1 – Vista aérea da comunidade Santa Maria do Boiaçu



Fonte: Jadson de Oliveira (2021)

O rio Branco faz parte da história da Amazônia e de Roraima. É o principal e o maior rio do estado com 1.300 km de extensão e nasce, oficialmente, no encontro dos rios Tacutu e Uraricuera. Um rio farto em espécies e com registros da atividade pesqueira na região desde o século XVIII, com os “pesqueiros reais da Colônia Portuguesa”, inclusive um deles no local próximo de onde é hoje a comunidade

---

ribeirinha de Santa Maria do Boiaçu (BRIGLIA-FERREIRA, et. al, p. 45-57, 2021). Até a construção da BR 174, na década de 1970, o rio Branco era o único caminho de acesso dos produtos para as cidades de Caracará e Boa Vista.

Roraima é o estado mais setentrional do Brasil, possui uma área de 223.645 km<sup>2</sup> e tem apenas 15 municípios. O Estado segue como o menos populoso do país, com 636.303 habitantes, ainda que tenha, dentre os outros estados da federação, a maior taxa de crescimento anual no período de 12 anos, segundo o censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Roraima está situado no Bioma Amazônia, com diferentes ecossistemas (savana ou lavrado, campinas e campinaranas e diversas tipologias florestais) e faz divisa interna com os estados do Amazonas e Pará, além de duas fronteiras internacionais com a Guiana e a Venezuela.

Nas margens do baixo rio Branco, a partir de Caracará até a divisa com o estado do Amazonas, surgem as comunidades ribeirinhas, as únicas de Roraima, que são formadas pelos chamados povos da floresta, “as esquecidas comunidades ribeirinhas onde índios, caboclos, foragidos e aventureiros residem. Cada qual com as suas peculiaridades originárias e amazônicas” (CAVALCANTE, 2020, p. 204). No Baixo rio Branco existem 16 comunidades, segundo o Instituto de Terras e Colonização do Estado de Roraima (ITERAIMA, 2023).

O acesso à comunidade de Santa Maria do Boiaçu é feito exclusivamente pelo rio ou em pequenas aeronaves. Apesar da ligação econômica e social com a cidade de Caracará - o porto da saída das embarcações – Santa Maria do Boiaçu pertence geograficamente ao município de Rorainópolis.

Durante o trabalho de campo, ouvi do senhor Lourival Gama Figueiredo, de 74 anos, um dos moradores mais antigos do lugar e que chegou na comunidade com seis meses de vida, que as primeiras famílias que ocuparam as margens do rio Branco vieram do estado do Amazonas na década de 1940; na ocasião Santa Maria do Boiaçu pertencia ao município de Moura<sup>4</sup>. No início, as casas foram construídas onde é hoje a comunidade de Santa Maria Velha, mas as plantações iniciais foram atacadas por formigas e com isso resolveram mudar a localização e construir as casas e o pavilhão administrativo na área mais alta da margem do rio. Na comunidade Velha ainda vivem cerca de 10 famílias.

---

<sup>4</sup> Período antes da criação do Território Federal do Rio Branco, em 1943, e o Território Federal de Roraima em 1962. O Estado de Roraima foi criado com a constituição de 1988.

---

O nome Santa Maria é uma homenagem devocional da igreja católica, a principal religião na época de instalação da comunidade. Já a palavra Boiaçu vem de uma lenda que ocupa o imaginário dos moradores ribeirinhos. “A história é que existe uma grande cobra no rio. Uma cobra tão grande que é mais grossa que um barril, e ela foi vista algumas vezes na frente onde é hoje a comunidade”, relata o morador<sup>5</sup>.

Sobre a quantidade de habitantes, o sistema agregador do IBGE oferece dados da cidade de Rorainópolis, a qual pertence Santa Maria do Boiaçu. Mas segundo dados do Hospital e da Associação de Moradores locais, vivem na comunidade aproximadamente 1.000 pessoas, que correspondem a cerca de 200 famílias.

Do rol dessas breves informações, pensamos que, talvez, uma das características mais perenes do lugar seja o ponto de paragem na imensidão do rio Branco. Mesmo que o fluxo de embarcações tenha se alterado após a construção da BR 174 que liga o Amazonas a Roraima, o rio é sempre o caminho, e a comunidade, instalada em uma de suas beiras, é um lugar de encontros e de vivências culturalmente híbridas no meio da floresta amazônica.

## **2. Comunidade e comunicação**

Estas são duas categorias amplas do pensamento que na nossa pesquisa vão se afinando para tomar a forma de um tipo específico de comunidade (ribeirinha) e um tipo específico de comunicação (mídias e redes digitais).

Poderíamos, a despeito do recorte socioespacial de nossa pesquisa, situar a noção de comunidade unicamente pelo prisma tradicional, afinal, o campo de observação é um local recôndito, que tem seu ritmo de vida regulado pela natureza abundante, por modos de sobrevivência muito distintos da experiência cosmopolita. Dessa perspectiva, “comunidades tradicionais têm sua reprodução social e física garantida, a partir do manejo dos recursos locais, desenvolvendo estratégias de organização comunitária para superar as dificuldades [...]” (LIRA; CHAVES, p. 75, 2016). Para as autoras uma das características marcantes das comunidades tradicionais são as práticas coletivas que fortalecem os laços entre os moradores e organizam a vida tanto do ponto de vista social, político e cultural.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Iara Bednarczuk no dia 11 de janeiro de 2023, na comunidade de Santa Maria do Boiaçu, Roraima.

---

Zigmunt Bauman (2003), na sua obra “Comunidade - a busca por segurança no mundo atual” utiliza o conceito de comunidade para problematizar a sociedade e nossas relações sociais. Para ele, a ideia de comunidade é imaginada como um lugar de aconchego que precisamos para viver seguros e confiantes, todavia trata-se de uma condição difícil de alcançar; pela impossibilidade de conciliar os desejos humanos de segurança e liberdade, o sentido de comunidade acaba se tornando uma realidade almejada, mas não conhecida.

Portanto, a noção de comunidade está vinculada à compreensão de Bauman sobre o que ele denominou de “modernidade líquida” como forma de caracterizar a vida contemporânea, marcada pela lógica do individualismo exacerbado, a sociedade de consumo, as fragmentadas e descartáveis relações, e com implicações sobre a vida social e política.

As comunidades sólidas, amparadas em práticas duradouras de comportamento e convivência, segundo Bauman são transformadas na contemporaneidade. "A partir do momento em que a informação passa a viajar independentemente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte, a fronteira entre o "dentro" e o "fora" não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida" (BAUMAN, 2003, p. 18-19).

Nesse momento, compreendemos que as comunidades, mesmo as ribeirinhas, constituídas por características que remetem a uma experiência presencial de coabitação e a partilha do comum, têm suas relações dinamizadas também pelos cruzamentos provocados pelo acesso midiático, onde se inserem diversas outras experiências virtuais de comunidade, linguagens, signos e autoridades. São esses processos comunicacionais internos e externos à comunidade, de acordo com Bauman (2003), que nos leva a refletir sobre o ciberespaço como um componente central para a liquidez das relações na sociedade contemporânea, reduzindo os vínculos de uma experiência face a face na comunidade, ao mesmo tempo em que se ampliam as chamadas redes sociais digitais.

As percepções críticas dessa relação não anulam, ao contrário, fortalecem a necessidade de buscar compreender como ocorre, por meio da experiência instituída e diferenciada por cada comunidade, a articulação com as mídias digitais, notadamente entre povos que constroem de longa data seus saberes tradicionais.

Outro aspecto importante está atrelado à mudança de paradigmas no campo midiático provocada pela internet, possibilitando a comunicação de muitos com muitos

---

em um momento específico e em escalada global, (CASTELLS, p. 100, 2003). A nova tecnologia mudou a forma de se comunicar, pois possibilita uma maior liberdade de expressão. Os sujeitos se tornaram produtores de conteúdos do seu próprio discurso e de suas reivindicações, apresentando um novo paradigma: o da representação participativa (COLAÇO; SPAREMBERGER. 2010, p. 221).

Na mesma linha, André Lemos (2005) lembra que essa alteração do modelo, por meio de dispositivos digitais, permite novas formas de interações e de mobilidade que transformam os cenários intersociais e as manifestações da indústria cultural.

Na Amazônia ainda existe uma barreira digital e nem todas as comunidades possuem acesso a uma internet de qualidade. Logo, pesquisar sobre mídias digitais na região, a partir de lugares mais distantes, implica uma leitura simultânea dos tensionamentos sobre a vida na comunidade e sobre o binômio inclusão e exclusão digital.

Sobre as dificuldades de acesso à internet nessa que é a maior região do país, a pesquisa TIC Domicílios, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE indicam que o Norte tem, juntamente com a região Nordeste, os piores indicadores de uso da internet no Brasil. Sobre são as principais características do acesso à internet na região Norte do Brasil, as pesquisas elencam:

Além das desigualdades regionais fomentadas pelo histórico de políticas nacionais de industrialização, a região Norte também sofre com suas grandes e inóspitas distâncias [...] A falta de infraestrutura, que demanda grandes investimentos – algo pouco vantajoso em termos de custo-benefício para o setor privado [...] A baixa qualidade da conexão, a cobertura limitada e os preços exorbitantes<sup>6</sup>.

Esses diferentes mecanismos de exclusão reforçam outras desigualdades e afetam o processamento de informações e a cidadania comunicativa, pela ausência de condições objetivas de acesso e inclusão social.

### **3. Escolhas metodológicas e a versão inicial do trabalho de campo**

A pesquisa se elabora por meio de levantamento bibliográfico das categorias de apoio para compreensão dessa realidade comunicacional no interior amazônico e tem na

---

<sup>6</sup> Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec\_pesquisa-acesso-internet\_acesso-internet-regiao-norte.pdf Acesso em 10 de mar 2023.

---

pesquisa de campo um dos seus pilares principais. Para isso, buscamos estreitar um diálogo com a metodologia antropológica da etnografia que, “[...] ao contrário de outras abordagens centradas no produto dos *mass media*, permite a observação, teoricamente orientada, das práticas sociais efetivas que dão lugar à produção cultural” (WOLF, 1995, p.167).

Se fazem necessários, portanto, o contato *in loco* e a experiência compartilhada como partes desse processo de elaboração de um saber cultural, acionando técnicas de um trabalho de campo e de observação participante. Diz o etnógrafo Laplantine que a “descrição etnográfica não se limita a uma percepção exclusivamente visual”. Segundo este autor, todos os sentidos devem estar a serviço da pesquisa de campo para que se percorra “minunciosamente as diversas sensações encontradas” (LAPLANTINE, 2004, p. 20).

Por conta de ser este um estudo em andamento e dos limites espaciais deste artigo, sintetizaremos os dados e as entrevistas na etapa da pesquisa de campo realizada na comunidade de Santa Maria do Boiaçu, no período de 7 a 14 de janeiro de 2023. Para analisar a relação dos moradores da comunidade com as mídias digitais, a pesquisa buscou três grupos de pessoas: jovens, adultos e idosos, excluindo indígenas, menores de 18 anos e imigrantes, tendo em vista que os trâmites para autorização de pesquisas com esses grupos poderiam comprometer o planejamento do trabalho de campo em tempo hábil.

Iniciamos o trabalho de campo no próprio percurso, quando os transportes e os deslocamentos oferecem sentidos que comunicam culturalmente as singularidades da experiência. As 22h percorridas pelo rio Branco, as margens largas, o silêncio e os sons dessa travessia, o descanso noturno de cinco horas na ancoragem no barranco, procedimento preventivo pela ameaça dos bancos de areia, tudo isso, foi me fazendo imergir em outra paisagem e tempo, diferente da rotina em Boa Vista. Chegamos à comunidade de Santa Maria do Boiaçu por volta das 15h do domingo, dia 8 de janeiro. Fomos recebidos no porto da comunidade por “Seu Cuado”, nome de integração na comunidade de Elizeu Santos Silva, um senhor de 60 anos, casado com “Lúcia”, apelido de Maria Lucinete, de 57 anos. Os dois foram nossos anfitriões, a partir de um contato intermediado por um conhecido em comum. Levamos alguns mantimentos para subsidiar essa estadia, principalmente carne bovina, porque é mais escassa a sua oferta na comunidade. Naquele dia conversamos para nos conhecer melhor, jantamos, assistimos televisão e cedo

---

todos já estavam recolhidos para dormir. A maioria dos moradores fecham as portas por volta das 19h. O movimento no período noturno é mais dos jovens, que aproveitam o sinal melhor da internet na calçada da escola estadual José Bonifácio para os jogos online. Até tentei uma conversa com alguns, nos dias seguintes, mas eles não quiseram parar de jogar para conversar.

Nos dias seguintes passei a observar melhor o entorno. A comunidade é a única da região que possui um hospital estadual de pequeno porte, uma UBS – Unidade Básica de Saúde, da Prefeitura de Rorainópolis, uma escola municipal de educação infantil, uma escola estadual com ensino fundamental e médio, uma unidade da Polícia Militar, um prédio da Justiça Itinerante, do Tribunal de Justiça de Roraima, pequenos comércios com vendas de produtos básicos e uma pista de pouso para as aeronaves de pequeno porte. Foi ainda andando pelas ruas da comunidade que observei um ritmo das pessoas em suas práticas que não têm a mesma pressa de muitos moradores da cidade, a rotina se intercala lentamente entre atividades de sustentação e lazer. Neste aspecto, o futebol e o vôlei no fim de tarde, é a prática mais recorrente e reúne pessoas de todas as idades.

Os Moradores vivem basicamente da exploração de recursos naturais, da agricultura familiar e da pesca em pequena escala. Em Santa Maria do Boiaçu alguns moradores são funcionários públicos das instituições instaladas na comunidade. Percebi que os homens adultos, durante o período da pesca esportiva do tucunaré, trabalham como “piloteiros” nos barcos que levam os turistas estrangeiros da comunidade até os hotéis de selva que exploram o turismo internacional no Baixo rio Branco.

Santa Maria do Boiaçu está tecnologicamente conectada, mas ainda de forma precária e com velocidade limitada. A internet é compartilhada com os moradores em três pontos na comunidade: Escola Estadual, Hospital e Posto de Saúde. Durante a observação em campo foi possível perceber que alguns moradores adquiriram a antena da SpaceX (Starlink) e possuem uma internet mais veloz com a conexão via satélite, pois devido à localização geográfica e a proximidade com o estado do Amazonas o serviço já é disponibilizado na comunidade.

As entrevistas foram gravadas pelo celular e um gravador de apoio. O primeiro morador que contou sua história foi seu Cuado<sup>7</sup>. Funcionário público e pescador, ele conhece

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida a Iara Bednarczuk no dia 10 de janeiro de 2023, na comunidade de Santa Maria do Boiaçu, Roraima.

pelo “barulho e pelo movimento da água o tamanho e até a espécie dos peixes”. Um morador da floresta que tira da mata remédios para as “garrafadas” utilizadas no tratamento de muitas doenças. Ele diz que “bota muita fé para os remédios da região porque eles curam muitas doenças”. Aprendeu ainda com o pai, as técnicas para pescar e caçar, essenciais na vida ribeirinha. Mora em Santa Maria do Boiaçu há 35 anos, proveniente do Amazonas. Criou os filhos, que saíram da comunidade para estudar e seguiram nas suas profissões. Ele lembra que quando chegou na comunidade, a comunicação era feita pela radiofonia, “e eram as outras pessoas que falavam por nós”. A informação chegava pelas ondas do rádio, em qualquer parte dos rios da região. Depois veio o orelhão, telefone fixo e a televisão. “No início era uma TV na administração da vila, montavam uma tenda e todos se reuniam para assistir à programação”. Em seguida os moradores foram comprando antenas parabólica e a programação coletiva ficou restrita a pequenos grupos dentro de casa, a maioria das casas possui o aparelho ainda hoje. No fim da década de 1990, a internet chegou e mudou a forma de se comunicar. A relação do seu Cuado com a internet é apenas por meio das mensagens pelo WhatsApp e o aplicativo do banco para receber o pagamento mensal. Ele e a esposa utilizam o mesmo celular e as informações são na maioria das vezes gravadas por áudios. O morador antigo diz que a tecnologia afasta os mais jovens dos saberes da floresta e do conhecimento tradicional, pois muitos preferem ficar no celular. “Os mais jovens não têm o mesmo conhecimento e a maioria não quer aprender. Hoje em dia está cada qual por si e Deus por todos”.

Figura 2 – Entrevista com Seu Cuado durante o café da manhã na cozinha da sua casa



Fotografia de Romério Briglia

---

Conversei com a Clausiane Rodrigues da Silva no dia 12 de janeiro, na calçada da escola estadual José Bonifácio, enquanto nós duas usávamos a internet. Ela tem 18 anos e é mãe do pequeno Lucas, de 1 ano. A jovem me contou que quase todos os dias no fim da tarde, das 17h às 20h, vem mandar mensagens para a mãe que mora em Manaus, e o pai que vive em Caracaraí, além das tias que moram em outras comunidades ribeirinhas. Clausiane disse que o aplicativo mais usado é o WhatsApp para enviar fotos e vídeos do filho e os áudios da vó para a família, elas moram juntas. A tecnologia faz com que ela mantenha esse contato diário com família que mora longe. Na casa em Santa Maria do Boiaçu as informações chegam pela televisão e elas não possuem rádio. Na internet, os outros produtos consumidos são o TikTok e o Instagram com perfis de maquiagem. “A Internet é muito ruim e não consigo ver outras redes sociais”, argumentou.

#### **4. Análise parcial da experiência**

Para analisar a relação dos moradores de Santa Maria do Boiaçu com as mídias digitais, sistematizamos a análise em dois movimentos de observação e destaque. O primeiro é sobre a comunidade e a estrutura de comunicação disponível.

Santa Maria do Boiaçu pode acionar, pelo menos, duas formas de conhecimento sobre comunidade. A partir dos sentidos articulados entre os estudos bibliográficos e a presença em campo, podemos dizer que Santa Maria do Boiaçu tem característica que se aproximam de uma comunidade de “outrora”. Bauman (2003) elenca alguns aspectos que também verificamos no contexto local, a exemplo da forte regulação da natureza sobre a vida dos ribeirinhos, o ritmo e uma rotina de práticas que se transferem no tempo e fortalecem os significados da tradição, pelos saberes dos antepassados que compartilharam e coabitaram o lugar. Por esse prisma, a comunidade é uma pequena amostra dos saberes regionais, amazônicos, resistentes e empregados na organização sociocultural do grupo.

A comunidade é também observada pelas dinâmicas de alteração das suas práticas culturais e relações sociais, mudanças que se apresentam pelo potencial de deslocamento e trocas, físicas e simbólicas. Como é um porto, local de parada no longo percurso do rio Branco, a comunidade tem um trânsito de pessoas e de culturas que instituem trocas e processos de hibridização, sendo este um conceito estudado por Canclini (2007) que sugere no próprio título de sua obra que as culturas híbridas implicam estratégias de entrada e de saída da modernidade.

---

Ainda sobre os deslocamentos simbólicos, Santa Maria do Boiaçu, como ressaltado nas entrevistas, conta em sua performance, com a histórica presença de meios de comunicação, desde do telégrafo até aos usos contemporâneos das mídias e redes sociais digitais, por mais que se pondere sobre as condições objetivas para isso, especialmente por conta de um serviço de baixa qualidade na conexão e de preços incompatíveis com a situação financeira dos moradores que, via de regra, mantém-se em condições básicas de sobrevivência material. Mas é preciso destacar que as técnicas modernas de comunicação promovem “relocalizações territoriais relativas, parciais das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2007, p. 309).

O segundo campo de observação da análise é sobre o conteúdo compartilhado nas duas entrevistas recortadas para esta incursão inicial. As narrativas são representativas de dois dos três segmentos etários que compõem a pesquisa ampla, ou seja, partilhamos trechos da conversa que tivemos com um idoso, seu Cuado, e com uma jovem, a Clausiane. Por essa escolha, as relações dos moradores de Santa Maria do Boiaçu com as mídias digitais indicam diferenças formas de uso e compreensão (dissensos) e alguns pontos de encontro e semelhanças (consensos).

Seu Cuado interpreta a presença de diferentes mídias pela prerrogativa de ter vivenciado várias etapas dessa dinâmica, referindo-se à comunicação mediada por instrumentos operados por poucos indivíduos, no caso da radiofonia utilizada quase sempre para informar situações mais emergenciais, até às formas contemporâneas, mais interativas e velozes, como as que permitidas por aparelhos móveis celulares, unindo muitos a muitos. Ele e sua esposa utilizam moderadamente esses recursos tecnológicos modernos, especialmente o aplicativo de mensagens do WhatsApp. A tecnologia possibilita uma maior liberdade de expressão e conexão, mas o pesquisador André Lemos, alerta para as profundas mudanças que estamos vivendo nas relações sociais e nas práticas no ciberespaço com a emergência da comunicação sem fio (LEMOS, 2002).

Também vem da entrevista com seu Cuado a noção das mudanças aprofundadas pelas mídias digitais com base no desinteresse dos moradores mais jovens com assuntos relacionados à experiência da comunidade com seus saberes tradicionais. Essa quebra de vínculos no interior da comunidade é referida por Bauman (2003) como decorrente de outros processos da modernidade líquida, onde há tecnologicamente uma ampla possibilidade de se instituir redes de conexão e interação, todavia, perde-se a solidez dos vínculos duradouros.

---

Na conversa com Clausiane observa-se que o público jovem está mais conectado com esse formato contemporâneo de comunicação e as mídias digitais fazem parte de suas rotinas. Esse comportamento é evidenciado mesmo diante de um cenário desafiador, com a oferta deficitária de conexão para as comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos, devido a qualidade do sinal oferecido aos moradores. Os sujeitos não têm acesso a todos os produtos e as informações são restritas no ciberespaço aos aplicativos mais leves, chegando conteúdos pelo WhatsApp e TikTok.

A partir dos diálogos com dois representantes dos grupos etários, somos levados a refletir sobre permanências e mudanças. A resistência de saberes característicos das comunidades ribeirinhas, por meio das técnicas de sobrevivência dos grupos, das atividades cotidianas, caça, pesca, medicina natural e ritos que se refazem na memória dos antepassados. E, por outro lado, a transformação em curso, instituída pelas mídias e redes sociais digitais na comunidade, que aprofunda o baixo interesse dos jovens pelas práticas tradicionais, promovendo uma espécie de desvio do próprio lugar onde vivem para dar entrada a novas formas culturais globais.

Esses tensionamentos implicam outras questões na condução da vida e do fortalecimento na própria comunidade, onde as formas de comunicação têm lugar especial. O que se mostra temerário é pensar que as alterações provocadas nas relações sociais da comunidade, pelo acesso e consumo bastante individualizado das mídias digitais, se desprendem da área política e da organização do grupo (Bauman, 2033, p. 67). Quanto mais dispersos sobre a realidade local, maiores são as dificuldades em se obter um envolvimento coletivo com as necessidades da comunidade, e maior a distância com a comunidade ética proposta por Bauman: “[...]tecida de compromissos de longo prazo, do tipo compartilhamento fraterno, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, com perspectiva de futuro”. (BAUMAN, 2003, p. 68).

### **Considerações finais**

Os primeiros dados da pesquisa em andamento sobre comunicação e mídias digitais na comunidade ribeirinha de Santa Maria do Boiaçu mostram que a comunidade híbrida da Amazônia navega entre o tradicional e o moderno. O estudo aponta para a evolução da comunicação na margem do rio Branco e como a internet mudou a forma de consumir informação.

Os moradores de Santa Maria do Boiaçu estão conectados com a tecnologia digital. Uma conexão que precisa de uma educação cidadã para orientar os mais jovens

---

na produção de conteúdos sobre a sua comunidade e seus saberes, garantindo o compartilhamento de histórias e memórias. As comunidades tradicionais se entendem como parte da Amazônia e os saberes tradicionais se erguem como uma das mais importantes riquezas culturais da região. Nesse contexto, contudo, os autores Silva e Paulino (2019), alertam para o risco de desaparecimento desses patrimônios culturais, que também são históricos e naturais, diante da oferta de um ambiente globalizado.

Essas primeiras indicações obtidas na pesquisa de campo sugerem a necessidade de se articular o potencial de autonomia apresentado pelo novo paradigma das mídias digitais com o exercício de uma cidadania comunicativa, onde as potencialidades criativas de conteúdo se voltem para o fortalecimento dos valores culturais e organização políticas dos grupos na comunidade. Esse movimento implica na possibilidade de outras transformações tão urgentes e necessárias em Santa Maria do Boiaçu, a partir de políticas públicas que auxiliem no processo de visibilidade e correção das desigualdades sociais no interior da Amazônia brasileira.

Vivenciar a comunidade como pesquisadora, com a tarefa de observar e interpretar a rotina dos moradores a partir da presença das mídias digitais, foi uma experiência bem diferente da que foi vivida por mim há quase três décadas. As subjetividades, que no trato jornalístico são freadas em nome da neutralidade de nossas visões, embaçam o encontro com sujeitos narradores que, na pesquisa científica, assumem a centralidade do processo. Esse desvio de perspectivas é apenas uma das formas de situar, pela pesquisa etnográfica, o alcance desse contato com os moradores de Santa Maria do Boiaçu e os sentidos por eles compartilhados sobre um espaço sem fronteiras (ciberespaço) no interior da sua pequena comunidade.

---

**REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRIGLIA-FERREIRA, S.R.; PEREIRA, S. L. A.; PEQUENO, P. A. C. L.; BARBOSA, R. I. **A pesca artesanal na bacia do rio Branco: Dos antecedentes históricos ao abandono das estatísticas pesqueiras em Roraima. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**. 2021, p. 45–57

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4º ed, São Paulo: EDUSP, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COLAÇO T.Z e SPAREMBERGER R.F.L. **Sociedade da informação: comunidades tradicionais. Identidades cultural e inclusão tecnológica**. Revista de Direito Econômico e Socioambiental, v.1, n.1, (p.207-230), jan/jun. 2010.

CAVALCANTE, Maria M. A.; VERAS, Antonio T. R.; SEABRA, Giovanni F; SILVA, Josué, C.; SILVA Maria, G. N.; RIBEIRO Wagner, C. **Amazônia: explorando o baixo rio Branco**. São Paulo: Universidade de São Paulo, pág. 204, 2020. Revista USP. [www.revistas.usp.br/rdg](http://www.revistas.usp.br/rdg) - ISSN 2236 – 2878-Volume 40 (2020) DOI: 10.11606/rdg.v40i0.170817. Acesso em 15 de novembro 2022.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004

LEMONS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.**, Sulina, Porto Alegre., 2002.

LIRA, Talita; CHAVES, Maria do P. S. Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais : linguagem, ambiente, redes / Luís Mauro Sá Martino**. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, pág. 10, 2015.

SILVA, Elian Karine Serrão da e PAULINO, Itamar Rodrigues. **AMAZÔNIA COMO LUGAR DE CULTURAS: CONCEITOS, CONTEXTOS E CONDIÇÕES IDENTITÁRIAS E MEMORIAIS**. Revista REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Estudos Literários e Interculturalidade. ISSN 1984-6576. E-201917. Acesso em: 13 de abril. 2023

SEABRA, G. F. Dinâmica Socioambiental no Baixo Rio Branco, Estado de Roraima, Brasil. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**. v. 10 n. 2 (2019).

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.